

PATOGENESIA EM ANIMAIS: UMA REALIDADE

AUTORES: Iara Lucia Rocha **AROEIRA**¹, Denerson Ferreira **ROCHA**², Tereza Cristina Alves Brini **MOTTA**³ imh@imh.com.br

INSTITUIÇÃO: Instituto Mineiro de Homeopatia www.imh.com.br

RESUMO:

INTRODUÇÃO: Dentre os princípios da homeopatia, entende-se ser essencial à sua prática, aquele relacionado à patogenesia ou experimentação patogênica (Hahnemann, 1991). O Grupo Paracelsus de Estudos Homeopáticos (GRUPEH) do IMH desenvolve, dentre outras atividades, experimentações patogênicas. Estas são realizadas desde 1989 e totalizam, até a presente data, cerca de 110 experimentações. A partir de 2003, houve a iniciativa da inclusão de animais nestas provas, conjuntamente com os provandos humanos, com o objetivo de se observar a viabilidade e contribuição da inclusão dos animais nas experimentações. **MATERIAL E MÉTODO:** utilizou-se o registro das patogenesias realizadas pelo GRUPEH, desde 2003. Os animais incluídos nas provas foram aqueles da convivência dos próprios provandos. As espécies já inseridas nas provas foram: cães, gatos, tartarugas, jabutí, papagaio, canário e coelho. Foram experimentados 29 medicamentos homeopáticos, neste regime conjunto. **RESULTADOS:** dentre as 29 provas em que houve participação de animais, em 28 foram observadas alterações comportamentais e/ou físicas, em uma não foram observadas alterações. **DISCUSSÃO:** *a priori*, a realização de patogenesia em animais, apresenta-se como possível, por serem os mesmos possuidores de princípio vital idêntico ao dos humanos. O presente trabalho demonstra a viabilidade e utilidade da experimentação patogênica em animais, ao observar-se os princípios que regem a fenomenologia da prova se repetirem tanto em provando humano quanto animal. **CONCLUSÕES:** a experimentação patogênica simultaneamente em humanos e animais é factível e permite observação e registro das alterações da saúde de maneira objetiva e simplificada; o desenvolvimento de alterações da saúde em espécies diferentes em experimentação patogênica ratifica a universalidade do princípio vital; a espontaneidade dos animais auxilia no entendimento e observação dos sintomas comportamentais e físicos no sentido mais puro, onde interferências externas e regime de vida parecem ser menos perturbadores; auxilia a compreensão da dinâmica do medicamento, pois os animais atualizam os sintomas observados nos humanos; a experimentação patogênica pode ser um facilitador da prescrição veterinária com a continuidade e ampliação dos estudos; experimentar em diversas espécies tornou a experimentação em saúde animal mais inclusiva e abrangente; a continuidade das experimentações, possivelmente, promoverá a melhoria progressiva do bem-estar e saúde dos animais inseridos nas provas, assim como acontece com os humanos.

¹Médica-veterinária, integrante do Serviço *Phýsis* de homeopatia do Instituto Mineiro de Homeopatia, mestre em medicina veterinária pela UFMG.

²Médico-veterinário, coordenador adjunto do curso de homeopatia do Instituto Mineiro de Homeopatia, mestre em medicina veterinária pela UFMG.

³Médica-veterinária, coordenadora adjunta do curso de homeopatia do Instituto Mineiro de Homeopatia.

OBJETIVOS:

Demonstrar a viabilidade da experimentação patogênica em animais e destacar as vantagens da sua realização simultaneamente, em humanos e animais.

Apresentar as experimentações realizadas pelo GRUPEH destacando-se aquelas que incluem animais.

INTRODUÇÃO:

Dentre os princípios da homeopatia, entende-se ser essencial à sua prática, aquele relacionado à patogênese ou experimentação patogênica (Hahnemann, 1991). Este princípio se tornou o foco de estudos e pesquisas do Instituto Mineiro de Homeopatia (IMH), através das autopatogenesias, a fim de desenvolver nos provandos, a memória sintética experimental (Moreira et al., 2004, Cruz, 2006; Beier, 2007a; Beier, 2007b; Beier et al, 2007; Oliveira et al., 2007). Esse trabalho é, resumidamente, direcionado para perceber-se em si próprio, os efeitos da utilização das substâncias puras e reter em sua memória essa experiência, para, quando necessário, evocá-la como recurso de prescrição homeopática, podendo-se utilizar do medicamento mais semelhante, com a certeza incontestável adquirida pela experiência em si próprio (Moreira et al., 2004; Beier, 2007a; Beier, 2007b; Beier et al, 2007; Oliveira et al., 2007).

O Grupo Paracelsus de Estudos Homeopáticos (GRUPEH) do IMH desenvolve, dentre outras atividades, experimentações patogênicas. Estas são realizadas desde 1989 e totalizam, até a presente data, cerca de 110 experimentações. A partir de 2003, houve a iniciativa da inclusão de animais nestas provas, conjuntamente com os provandos humanos, com o objetivo de se observar a viabilidade e contribuição da inclusão dos animais nas experimentações (Moreira et al., 2004, Aroeira et al., 2007; Beier, 2007a; Beier, 2007b; Beier et al, 2007; Oliveira et al., 2007).

Para a Medicina Veterinária, a experimentação sempre foi considerada subjetiva e de difícil realização, pois os animais não têm o recurso da linguagem como dos humanos, para expressarem seus sentimentos, sensações, sonhos, etc. Contudo, Hahnemann (Wolf, 1985 apud Hahnemann) considera:

“... por certo, somente um observador inexperiente e obtuso jamais desejaria negar que os animais demonstrem sintomas de suas doenças tanto e tão claramente quanto os homens. Eles não têm a fala, mas as muitas alterações que podem ser notadas em sua aparência, sua conduta e suas funções naturais e vitais, servem como substitutos perfeitos à palavra.”

Assim, se os animais podem demonstrar as alterações de saúde em caso de doença, é concebível que, também, em prova de experimentação patogênica, possam revelar alterações da saúde, tanto físicas quanto comportamentais. Ao observador cabe a questão de como perceber as modificações provocadas pela substância experimentada (Cruz, 2006; Aroeira et al.).

DELINEAMENTO: estudo retrospectivo.

MATERIAL E MÉTODO:

Utilizou-se o registro das patogenesias realizadas pelo GRUPEH, desde 2003 até a presente data (Moreira et al., 2004, Aroeira et al., 2007; Beier, 2007a; Beier, 2007b; Beier et al, 2007; Oliveira et al., 2007).

O GRUPEH é composto por médicos, médicos-veterinários e farmacêuticos homeopatas e, no que se refere a experimentação, também por seus animais de estimação. Os animais incluídos nas provas foram aqueles da convivência dos próprios provandos¹.

Utiliza-se um único medicamento por vez, sendo o período das provas de cerca de 30 dias. Os animais ingerem, aproximadamente, cinco a dez microglóbulos impregnados pelo medicamento, na 30ª dinamização hahnemaniana, em dose única, ao início da prova. A escolha desta dinamização baseia-se nas descrições relatadas por Hahnemann (1991), no §128 do Organon.

Não há restrições quanto às espécies que participam das provas, sendo o fator da variabilidade considerado pelo grupo como de enriquecimento das provas, desde que sejam animais que mantenham contato próximo com os provandos. As espécies já inseridas nas provas foram: cães, gatos, tartarugas, jabutí, papagaio, canário e coelho. Até a presente data, foram experimentados 29 medicamentos homeopáticos, neste regime conjunto (Aroeira et al., 2007).

Cada provando faz o registro escrito de seus próprios sintomas e daqueles do(s) seu(s) animal(is). A descrição é a mais fidedigna possível, procura-se não fazer julgamentos, apenas anotam-se as alterações, quer sejam físicas ou comportamentais.

Após encerrado o período de prova, o grupo se reúne e estuda conjuntamente os registros das experimentações, comparando-se todos os sintomas registrados, humanos e animais, e, assim, procura-se a síntese do medicamento estudado, observando-se quais os fenômenos que se repetiram e com qual frequência. Mesmo chegando-se a um “denominador comum”, considerado como a virtude daquele medicamento, cada provando guarda para si próprio, em sua memória, a própria experiência vivida durante a experimentação, como sendo esta a de maior importância.

¹ Termo usado em substituição a experimentador, devido a melhor representação da função a que se refere.

RESULTADOS:

Dentre as 29 provas em que houve participação de animais, em 28 foram observadas alterações comportamentais e/ou físicas, em uma não foram observadas alterações. As descrições apresentadas na Tabela 1 estão bastante simplificadas, tendo como principal objetivo enfatizar o fato de que a experimentação patogênica com animais é factível e revela alterações da saúde, assim como ocorre com provando humanos. Estas foram colhidas dos registros do Instituto Mineiro de Homeopatia, em sua maioria não publicados, e também daquelas apresentadas conforme referências.

Tabela 1 - Resumo das experimentações e alguns sinais observados nos animais.

Medicamento	Espécie animal	Sintomas físicos	Sintomas comportamentais
<i>Arnica montana</i>	Gatos	Otite escura e dor ²	Ficaram sociáveis Aceitando toque Pressionando a cabeça contra tronco de árvore
<i>Chlorum</i>	Cão e gato	Coceira pelo corpo Vomitou como catarro Defecando muito	Mais quieta, ficando muito tempo na sua caminha.
<i>Helium</i>	Cão e tartaruga	Vômito leitoso Prostrado Febre Ficou com casco mole Casco com "lodo"	Mais amável, carinhoso e alegre Contraditório, incomoda os outros Não quer tomar sol Ficando só dentro d'água Isolada
<i>Manganum</i>	Cães	Flatulência Eruções constantes Dermatite interdigital no membro anterior direito	Ficou pedindo comida e "choramingou" para conseguir Muito agitada, latindo à toa Arrancando tufo de pêlos
<i>Neonium</i>	Cão, gato e coelho	Falha de pêlos nas bordas das orelhas Coceira em todo corpo Vômito Urinou mais que o normal	Muito sono Olhar fixo e tranqüilo Muito agitada, pulando muito Rosnou para empregada (de quem sempre teve medo) Quieto, manso, menos agitado Não atende comando Nervoso, rebelde
<i>Praseodymium</i>	Papagaio	Não observado(s)	Calado, triste Não deixou coçar a cabeça, como se não me reconhecesse
<i>Platinum metallicum</i>	Cão e jabuti	Respiração ruidosa Aumento de apetite Coceira no ouvido esquerdo	Maior disposição Querendo aparecer Querendo ficar junto das pessoas Mais agitada que o normal Mais quieta que o normal. Rosnou com olhar ameaçador quando tirei o brinquedo
<i>Thalium metallicum</i>	Cão e gato	Urinou muito, mesmo não bebendo Bebeu muita água Masturbou de forma intensa	Exigente, pedindo coisas Ficou quieta embaixo da cama Animada, pulando muito

² Os termos utilizados pelos provandos foram mantidos, para se preservar a fidedignidade dos registros, mesmo que, em alguns casos, pareçam pouco claros.

DISCUSSÃO:

A priori, a realização de patogenesia em animais, apresenta-se como possível, por serem os mesmos possuidores de princípio vital idêntico ao dos humanos. O presente trabalho demonstra a viabilidade e utilidade da experimentação patogênica em animais, ao observar-se os princípios que regem a fenomenologia da prova se repetirem tanto em provando humano quanto animal. Os sintomas observados nos animais muitas vezes confirmam e espelham de forma semelhante, as alterações de saúde ocorridas nos provando humanos.

A escolha de animais próximos, ou seja, animais de estimação dos próprios provandos deveu-se ao fato de ser a experimentação patogênica um processo sutil, sendo necessários disponibilidade de tempo para as observações e certo conhecimento daquele a ser observado (Aroeira et al., 2007). Como o animal inserido na prova, é o da convivência do proprietário, ninguém melhor que este, por conhecê-lo bem e, sobretudo, por manter-se próximo por tempo suficiente, para observar as possíveis alterações que possam surgir. Assim também, considera-se importante o ambiente familiar em que o animal vive, evitando-se interferências adicionais, que poderiam provocar alterações comportamentais. Hahnemann (1991) afirma no §126, que o provando deve evitar os fatores perturbadores e urgentes. Esta metodologia experimental permite também que não sejam necessários esquemas complexos de alojamento e deslocamento de pessoal para observação, em ambiente estranho que poderiam ser fatores de variação, prejudiciais à fidedignidade dos registros.

Mesmo com as possíveis falhas e dificuldades inerentes aos observadores do processo, a experiência com as patogenesias, demonstra que a experimentação com animais é factível, enriquecedora e, quando realizada conjuntamente com os humanos, utilizando os próprios animais de estimação, torna-se mais simplificada e, ao que a experiência indica, mais rica no que se refere aos recursos de observação dos mesmos.

Em relação ao provando, entende-se que as experimentações patogênicas podem ampliar a capacidade de observação e percepção de si mesmo e dos pacientes, favorecendo a prática clínica. Além disso, também favorecem a saúde daqueles que participam destas provas. Hahnemann (1991) afirma no §141 do Organon e nota correspondente:

“Os melhores experimentos dos efeitos puros dos medicamentos simples (...) são aqueles em que o médico sadio, sem preconceitos e sensível, realiza em si mesmo (...). O médico conhece com grande certeza o que tem experimentado em si próprio.”

Nota: “(...) a grande verdade de que a virtude medicinal de todas as drogas, da qual depende seu poder curativo, reside nas alterações de saúde que tem sofrido pelo medicamento ingerido, e o estado mórbido que experimenta devido a elas, se converte em um fato incontestável. Por outro lado, devido a estas observações notáveis, realizadas em si mesmo, será levado a compreender suas próprias sensações, seu modo de pensar e seu caráter (o fundamento de toda sabedoria) e também ensinado a ser o que todo médico deve ser, um bom observador. (...) a experiência demonstra que o organismo do experimentador se torna, devido a estes ataques freqüentes a sua saúde, muito mais apto a repelir todas as influências externas, inimigas de sua constituição e todos os agentes nocivos, mórbidos, artificiais ou naturais. (...). Toda a experiência demonstra que sua saúde se faz mais inalterável, mais robusta.”

Todas as alterações são atribuídas à prova e registradas como pertencentes, especialmente, ao estímulo do medicamento provado, de acordo com o que Hahnemann (1991) afirma no §138 do Organon:

“Todos os sofrimentos, acidentes e alterações da saúde do provando durante a ação de um medicamento (desde que se tenham cumprido as condições essenciais a uma experimentação boa e pura³) se derivam unicamente deste medicamento e deve considerar-se e registrar-se como pertencentes especialmente a ele, (...)”.

A realização das experimentações em grupo, encontra indicação nos §134, 135 e 136 do Organon, em que Hahnemann (1991) relata que a totalidade das alterações mórbidas que um medicamento é capaz de produzir só pode ser obtida por numerosas observações em pessoas de constituições diferentes, e que a experimentação em um só experimentador não pode manifestar todas as alterações de saúde que é capaz de produzir como quando atua em diversas e diferentes pessoas com variadas constituições físicas e psíquicas. Ainda que não se tenha relatos diretos da experimentação em animais por Hahnemann, do mesmo modo também não há relatos de que não se devesse fazê-lo. Além disso, como um desdobramento dos parágrafos citados acima, entende-se que a indicação de maior diversidade de provandos poderia muito bem se estender à inclusão de outras espécies, ampliando-se assim a possibilidade de manifestação das alterações provocadas pelo medicamento experimentado.

CONCLUSÕES:

De acordo com as experimentações relatadas, pode-se concluir que:

A experimentação patogenésica simultaneamente em humanos e animais é factível e permite observação e registro das alterações da saúde de maneira objetiva e simplificada.

O desenvolvimento de alterações da saúde em espécies diferentes em experimentação patogenésica ratifica a universalidade do princípio vital.

A espontaneidade dos animais auxilia no entendimento e observação dos sintomas comportamentais e físicos no sentido mais puro, onde interferências externas e regime de vida parecem ser menos perturbadores.

Auxilia a compreensão da dinâmica do medicamento, pois os animais atualizam os sintomas observados nos humanos.

A experimentação patogenésica pode ser um facilitador da prescrição veterinária com a continuidade e ampliação dos estudos.

Experimentar em diversas espécies tornou a experimentação em saúde animal mais inclusiva e abrangente.

A continuidade das experimentações, possivelmente, promoverá a melhoria progressiva do bem-estar e saúde dos animais inseridos nas provas, assim como acontece com os humanos.

³ Pormenorizadas nos §124 a 127 do Organon.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AROEIRA, I.L.R.; ROCHA, D.F.; MOTTA, T.C.A.B.; REIS, A.J. Mesa redonda V: saúde animal. Disponível em: <<http://www.imh.com.br/default.asp?id=20&mnu=20>>. Acesso em 13 ago. 2007.

BEIER, M. A experiência clínica com a auto-patogenesia. Disponível em: <<http://www.imh.com.br/default.asp?id=18&ACT=5&content=16&mnu=18>>. Acesso em 13 ago. 2007.

BEIER, M.; CRUZ, A.C.G.; ABREU, A.A. et al. O medicamento homeopático: auto-produtor de sintoma semelhante. Disponível em: <<http://www.imh.com.br/default.asp?id=18&ACT=5&content=28&mnu=18>>. Acesso em 13 ago. 2007.

BEIER, M. Fórum clínico de estudos de medicamentos. Disponível em: <<http://www.imh.com.br/default.asp?id=14&ACT=5&content=18&mnu=14>>. Acesso em 13 ago. 2007.

CRUZ, A.C.G. 2006. (comunicação pessoal)

HAHNEMANN, S. *Organon de la medicina*. Buenos Aires: Albatros. 1991. 321p.

MOREIRA, C.M.; CRUZ, A.C.G.; ESQUERDO, C.R.M.; RIBEIRO DA SILVA, M.; OLIVEIRA, V.A. Uso terapêutico de *Guajacum officinale* em base à memória sintética experimental. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA, 27, 2004, Brasília. *Anais...* Brasília: Associação Médica Homeopática do Distrito Federal, 2004. p.34.

OLIVEIRA, V.A.; CRUZ, A.C.G.; BEIER, M. O poder de comunicação da auto-patogenesia. Disponível em: < <http://www.imh.com.br/default.asp?id=21&ACT=5&content=38&mnu=21>>. Acesso em 13 ago. 2007.

WOLF, H.G. Tratando o cão pela homeopatia. São Paulo: Editora Andrei, 1985. 173p.